

Os territórios das mulheres negras no rap por meio das batalhas de rima

The territories of black women in rap by the battle raps

Ana Carolina dos Santos Marques

Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia
da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho
Campus de Presidente Prudente, Brasil
anaaa0@hotmail.com

Ricardo Lopes Fonseca

Professor Adjunto do Departamento de Geociências da
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
ricardolopesfonseca@hotmail.com

Resumo

O racismo evidencia-se como maléfico para a população negra e quando combinado com gênero, resulta nas mulheres negras que têm suas vidas condicionadas por estes fatores – raça e gênero –, construindo o espaço geográfico e estabelecendo territórios de forma diferenciada do restante dos grupos sociais. A temática da presente pesquisa envolve as mulheres negras, relacionando-as ao racismo, ao gênero, ao território e ao Hip Hop. Objetiva-se investigar os territórios das mulheres negras no rap por meio das batalhas de rima, para isso, trabalhos de campo foram realizados em seis locais de batalhas de rima na cidade de Londrina – PR para observar a realidade vivenciada pelas mulheres negras. Além disso, essas mulheres negras foram entrevistadas com base em um roteiro de entrevistas semiestruturado. Os principais resultados obtidos evidenciam que as mulheres negras estão criando territórios no rap e nas batalhas de rima, porém, esse processo ainda é lento e os territórios são escassos, os homens predominam nas batalhas e pouco espaço é cedido às mulheres.

Palavras-chave: Racismo; Gênero; Hip Hop

Abstract

The phenomenon of racism is malefic to the black population and when it comes with gender, results in black women having their lives conditioned by these factors – race and gender –, building the geographical space and establishing territories in different ways than the rest of social groups. In this sense, the theme of the present research it's the black women, relating them to racism, gender, territory and Hip Hop. The objective is to investigate the territories of black women in rap by the battle raps, for this, fieldworks were realized in six battle rap places in the city of Londrina – PR to observe the reality experienced by black women. Beyond that, these black women were interviewed based on an interview script semi-structured. The primary achieved results evidence that the black women are creating territories in rap and at the battles, but, this process still is slow, and the territories are scarce, the men prevail at the battles, and small space is given to women.

Keywords: Racism; Gender; Hip Hop.

1. INTRODUÇÃO

A produção do espaço geográfico pelas mulheres negras se torna diferenciada dos outros grupos sociais, uma vez que elas têm menos oportunidades e possuem acesso a apenas determinados espaços devido à exclusão social, de gênero e racial, deste modo, os territórios instituídos e

vivenciados por elas são importantes para o entendimento de sua representatividade na sociedade. Neste sentido, é fundamental compreender como as mulheres negras criam territórios, quais relações sociais e de poder estabelecem e como podem afirmar sua identidade, lutando pela equidade social e contra as discriminações e desigualdades raciais e de gênero.

Desta forma, esta pesquisa objetiva investigar os territórios criados pelas mulheres negras nas batalhas de rima de Londrina – PR. Londrina – recorte espacial – é permeada pela manifestação cultural de diversos grupos, dentre eles o Hip Hop. O Hip Hop é um movimento cultural que tem como base de sua criação a reivindicação da população negra por direitos sociais, sendo uma ferramenta com grande potencial para denúncia das desigualdades raciais, sociais e de gênero. É composto por cinco elementos – danças urbanas, grafite, conhecimento e MC e DJ que resultam no rap – sendo o rap, foco da pesquisa.

A fim de compreender como as mulheres negras criam territórios no movimento Hip Hop, investigou-se a realidade do rap e sua manifestação na cidade no ano de 2018 – recorte temporal da pesquisa – por meio das batalhas de rima e de entrevistas com mulheres negras. Considerando o rap como elemento que, por meio da fala, denuncia as desigualdades e reivindica melhorias sociais, as batalhas de rima – disputas entre MCs que fazem suas rimas a fim de ganhar do adversário – se tornam cenários com grande potencial para a ocupação e para militância das mulheres, com indicação de suas pautas e a favor da luta pela equidade. É importante que as mulheres negras utilizem essa ferramenta a seu favor e esta pesquisa investiga se isso está acontecendo por meio do estabelecimento de territórios e de participação ativa nas batalhas.

Neste sentido, a problemática da pesquisa reside na pergunta “As mulheres negras estão criando territórios no rap por meio das batalhas de rima?”. A relevância geográfica do problema consiste na importância de investigar as territorialidades das mulheres negras, uma vez que a produção do espaço geográfico realizada por elas é diferenciada dos homens, e considerando que o cenário do rap esta situação é aprofundada devido à predominância dos homens nas batalhas e, conseqüentemente, ao não incentivo à participação das mulheres negras.

Os debates relacionados às Geografias Feministas e de Gênero, como apontam Monk e Hanson (2016), ainda são periféricos e, portanto, as pesquisas que contribuam para o crescimento dessas discussões são fundamentais para o entendimento das espacialidades e das territorialidades das mulheres. Silva (2009) destaca que as relações de gênero variam de acordo com diferentes espaços e escalas, sendo essencial a elaboração de pesquisas que discutam o tema e consolidem o projeto feminista nas áreas concernentes à Geografia.

De acordo com Carneiro (2003), as mulheres negras, historicamente, foram invisibilizadas e suas especificidades foram desconsideradas. Sobre elas, incide fortemente a raça, a classe e o gênero que aprofundam relações dissimétricas e que consolidam na exclusão socioeconômica dessas

mulheres. Há, ainda, outro fator que interfere na vida das mulheres negras, como ressalta Gonzales (1984) ao afirmar que o sexismo produz efeitos violentos criando uma série de estigmas que as envolve, sendo vistas enquanto mães, domésticas e mulatas, além de estarem associadas ao carnaval, à prostituição e ao corpo curvilíneo, reforçando os padrões racistas e machistas da sociedade que objetificam essas mulheres.

Território foi a categoria da ciência geográfica selecionada como base para essa pesquisa. Raffestin (1993) aponta que o território é uma ação conduzida por um agente social que se apropria do espaço e o territorializa, ou seja, estabelece relações de poder. Turra Neto (2015) aponta que o território seria um tipo particular de ação, uma prática espacial que articula materialidade e sujeitos sociais em relação e essas devem ser estabelecidas por meio de negociação, coexistência de forças, diversidades, disputa e diálogo.

Dentre as ações que instituem territórios estão a demarcação da diferença em relação aos outros, a negociação e imposição de sua presença, a luta por visibilidade em formações espaciais, em suma, aquelas ações para as quais a materialidade do espaço é um recurso de afirmação social e política, para a expressão da alteridade, dos desejos, pulsões, encontros e apropriações (TURRA NETO, 2015). Nesse sentido, o território se torna tema pertinente para investigar a realidade das mulheres negras nas batalhas de rima tendo em vista que esses eventos proporcionam que elas se afirmem e lutem por suas pautas, ao mesmo tempo em que tem que negociar sua presença, dialogar com os(as) frequentadores(as) e em muitos momentos e disputar aquele território.

Desta forma, quando as mulheres negras estabelecem um território, estão quebrando uma ordem hegemônica e resistindo ao processo de segregação sócio-espacial. No movimento Hip Hop – e especificamente no rap – os grupos criam territórios e, por meio deste, resistem e verbalizam todas as injustiças vivenciadas diariamente.

Além disso, outro elemento fundamental para compreender os territórios das mulheres negras é a identidade. Ao se apropriarem do território, elas estão sendo influenciadas por crenças, experiências, intencionalidades e valores, como destaca Saquet (2005) ao afirmar que a construção da identidade produz o território por meio de ligações, construções, edificações e raízes. À medida que vivenciam o território, estabelecem com ele uma identidade, produzem territorialidades e, por meio dessas ações, podem despertar em outras mulheres o mesmo interesse em frequentar os mesmos locais e somar na coletividade.

As batalhas de rima são eventos que possibilitam visualizar a relação entre a questão racial e o território, elas materializam a desigualdade social e racial do país: são realizadas em determinados locais, geralmente periferias, espaços que os grupos possuem maior vivência e, conseqüentemente, cuja identidade e as(os) frequentadoras(es) são em sua maioria negras(os). Ao experienciar este

território, os grupos reconhecem as relações de poder que os cercam e como estas podem excluí-los de condições básicas e dignas de vida.

Portanto, as batalhas de rima possuem um grande potencial de afirmação para as mulheres negras e são um espaço propício para reivindicarem suas pautas por meio do rap. São eventos predominantemente formados por homens, nos quais as mulheres têm que negociar sua presença e ocupação do espaço, por isso, o território se torna um conceito pertinente para a análise dessa realidade. Espera-se que, também por meio dessa pesquisa, as batalhas de rima sejam reconhecidas como eventos importantes para se compreender a produção do espaço geográfico pelas mulheres jovens. O rap, assim como o Hip Hop – cultura juvenil a qual o rap pertence – apresenta múltiplos significados para jovens que tem suas espacialidades restritas na cidade, possibilitando que se expressem, sendo assim, fundamental a presença das mulheres negras subalternizadas na sociedade pela intersecção de raça, gênero e classe social.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa. A escolha metodológica se deve em função de seu objetivo: investigar os territórios das mulheres negras no rap por meio das batalhas de rima, por isso, entende-se que é necessário o contato direto com a realidade vivenciada por essas mulheres, a fim de aproximar-se dos significados atribuídos e da identidade elaborada com os territórios em questão.

Tendo em vista que a pesquisa investiga o cenário das batalhas de rima, as técnicas utilizadas foram a observação direta e a entrevista. A observação direta permitiu se aproximar da perspectiva dos sujeitos e ocorreu no grau que Lüdke e André (1986) denominam de “participante como observador”. Nesta perspectiva, as atividades não são totalmente ocultadas, releva-se apenas parte do que se pretende para não provocar muitas alterações no comportamento do grupo observado.

Foram realizadas observações duas vezes em cada uma das batalhas de rima nos meses de agosto e setembro de 2018. A observação e a coleta de entrevistas foram desenvolvidas em batalhas de rima que ocorrem na cidade de Londrina durante os dias da semana, conforme apresentado na tabela 1. Há batalhas em todas as zonas da cidade e a maioria ocorre em espaços públicos, com exceção da Batalha do Galo que ocorre em um bar na zona Norte. Durante essas observações, buscou montar o perfil do grupo, para isso, atentou-se ao número de participantes, a presença de mulheres e quantas destas eram negras, assim como a idade das(os) participantes, quais as relações que as mulheres negras mantinham com o restante das(os) participantes – amizade ou namoro, por exemplo – e se batalhavam com as(os) outras(os) MCs.

Tabela 1 – Batalhas de rima investigadas na cidade de Londrina (PR).

Dia	Nome da batalha	Endereço	Horário	Região
Segunda	Batalha do Hemp	Pista de Skate – Av. Serra do Flamengo – Bandeirantes	20h – 22h	Oeste
Terça	Batalha do Cinco	Praça do 5º Distrito – Rua Lino Sachetin – Aquiles Stenghel	19h30 – 22h	Norte
Terça	Batalha do Café	Av. Abraham Lincoln – Cafezal 2	19h30 – 22h	Sul
Quarta	Batalha do Galo	Rua Jose Ruzzon, n. 685 – Jardim Marieta	19h30 – 22h	Norte
Quinta	Batalha do Antares	Praça Samadu Tamyana – Rua Dr. Arlindo Carmona – Jardim Tomy	19h30 – 22h	Leste
Sexta	Batalha do Zerão	Área de Recreação e Lazer Luigi Borghesi – Rua Júlio Estrela Moreira – Centro	19h30 – 22h	Central

Org.: Os autores, 2018.

Além das observações durante as batalhas de rima, mulheres negras que frequentavam as batalhas foram entrevistadas por meio de um roteiro de entrevistas semiestruturadas, composto por um conjunto de questões previamente estabelecidas. Durante as entrevistas, as mulheres poderiam ficar à vontade para relatar situações além das perguntas, assim como a pesquisadora poderia fazer outras perguntas que surgissem no contexto do diálogo e que interessassem ao tema da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com o auxílio de um gravador de voz e, em seguida, foram transcritas de forma idêntica ao que as entrevistadas falaram, deste modo, contém gírias, palavrões e vícios de linguagem. Porém, essa transcrição literal é importante para se manter a essência das mulheres entrevistadas e compreender seus ideais.

Após a realização dos trabalhos de campo nas batalhas de rima, os resultados das entrevistas foram sistematizados, posteriormente, foram utilizados os trechos das entrevistas a fim de comprovar as situações relatadas e as conclusões afirmadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta investigação partiu do pressuposto de que a realidade das batalhas de rima permite investigar e compreender as territorialidades das mulheres negras no rap, na cidade de Londrina. As batalhas ocorrem em determinados locais da cidade e permitem às(aos) frequentadoras(es) se expressarem por meio das rimas.

Nas batalhas de rima foram realizadas entrevistas com 11 mulheres negras de perfis variados, cerca de cinco outras mulheres negras foram encontradas nas batalhas de rima, porém apenas essas 11 cederam entrevistas. O diálogo com as entrevistadas permitiu compreender mais a respeito do movimento Hip Hop e de como estas mulheres se sentem nestes territórios e se acreditam que constituem territórios.

As características das entrevistadas evidenciam que a maior parte delas tem idade entre 19 e 25 anos. Moram em diversas zonas de Londrina – apenas Cecília mora na cidade de Ibiporã –, com

predomínio da zona leste e frequentam a batalha que ocorre próxima à sua residência, com exceção de Marisa, Patrícia, Cristina e Cecília que frequentam mais batalhas pela cidade e assim tem a possibilidade de constituir mais territórios. Destarte, é importante compreender quais significações e relações sociais que as mulheres negras entrevistadas estabelecem nas batalhas de rima.

As motivações que levam as mulheres negras a frequentarem as batalhas de rima são variadas. Algumas apontam que frequentam as batalhas para afirmarem sua identidade, por se sentirem bem e para incentivarem outras mulheres a ocuparem esse território, como é o caso de Marisa (2018) que ao ser questionada por qual motivo frequenta os eventos explica: *“Porque eu canto né, rap, represento as minas, e eu vou também para incentivar as outras meninas a irem, para ela verem que não estão sozinhas né”* (MARISA, 2018).

Camila (2018) também considera essa questão, ao indicar: *“Olha não só com o rap, mas com a cultura hip hop toda, eu me sinto representada, me sinto bem, parece que eu sinto minha ideia nesse ambiente, seja com dança, com rap me sinto à vontade, maravilhosa”* (CAMILA, 2018), ou seja, a entrevistada reconhece o espaço das batalhas de rima e outros eventos do Hip Hop como um local agradável, que a faz se sentir bem e se identificar com as(os) outras(os) participantes, apontando assim, para a dimensão dialógica dos territórios.

Mesmo com as entrevistadas se sentindo bem no espaço das batalhas de rima, elas ainda assim, destacam a falta de mulheres, especialmente negras, como Beatriz (2018) que ressalta que essa presença precisa ser fortalecida e que a partir do momento em que as mulheres negras passarem a constituir territórios nas batalhas, estarão incentivando outras a também participarem:

Porque o hip hop é minha vida, eu creio que cada elemento não é só a dança, eu sou mais íntima da dança, porém os outros elementos também eu fortaleço, o rap, o grafite e tudo mais, eu como dançarina, como fortalecedora de todo o movimento tenho que tá colando em todas as batalhas pra fortalecer (BEATRIZ, 2018).

Algumas entrevistadas identificam as batalhas de rima apenas como forma de lazer: *“Eu acho tipo divertido sabe, é um rolê barato né, quem não tem sempre para ficar colando em outros rolê eu acho legal, curto rap bastante também”* (MANUELA, 2018) e *“Ah porque eu gosto, é um lazer com os amigos, curtir um rapinho, umas rimas as vezes é engraçado”* (CRISTINA, 2018).

Desta maneira, determinadas entrevistadas identificam as batalhas de rima como espaços de resistência e de afirmação e reconhecem a necessidade de sua presença nestes locais estabelecendo territórios. Porém, outras demonstram que perceber os eventos apenas como forma de lazer e entretenimento, sem distinguir suas potencialidades nas pautas femininas. A dimensão do lazer é algo muito presente nos eventos da cultura Hip Hop, uma vez que esta é marginalizada e tem como a maioria de suas(eus) adeptas(os), as(os) jovens das classes populares, assim a gratuidade desses

eventos é essencial para maior participação, além de que eles proporcionam os encontros e expressão da juventude.

A partir da compreensão das motivações que levam as mulheres negras a frequentar as batalhas de rima, é fundamental entender se elas reconhecem as desigualdades raciais e de gênero que permeiam a sociedade para, assim, investigar se estão criando territórios e afirmando suas identidades no movimento.

Quando questionada a respeito da representatividade da mulher negra na sociedade e das desigualdades raciais e de gênero, Marisa (2018) aponta que “a mulher negra está com uma representatividade muito forte ultimamente, elas estão se posicionando, estão tendo mais pulso firme de lutar por seus direitos, apesar de ter um certo preconceito né, mas elas estão sempre na luta, as guerreiras de verdade não desistem.” (MARISA, 2018).

Assim como Marisa, todas as entrevistadas reconhecem que a mulher negra não está em posição de igualdade em relação aos outros grupos e que esse quadro está diretamente relacionado à discriminação de gênero e racial. Júlia (2018) ressalta que “[...] sempre teve preconceito sobre isso, principalmente sobre o rap”, ou seja, a entrevistada aponta que o preconceito sempre existiu, tanto em relação a mulher negra quanto a população negra em geral, e que no rap essa situação é ainda mais agravante, uma vez que sempre associam essa expressão artística à violência, às drogas e aos bandidos, marginalizando-a. As entrevistadas demonstram compreender essas desigualdades existentes, mas ressaltam que a mulher negra tem assumido mais posições – que antes não ocupava – na sociedade e lutado pela equidade de oportunidades.

No que diz respeito à representatividade das mulheres negras no rap, as entrevistadas ressaltam a escassez dessas participantes nas batalhas de rima. As mulheres negras frequentam pouco as batalhas e dificilmente tem abertura para assumir papéis de protagonismo: “[...] A mulher negra nunca é primeiro plano, é foda” (CRISTINA, 2018). Manuela (2018) evidencia que a falta de mulheres nestes locais incomoda as que frequentam: “Preconceito racial e é o que mais dói, você vir aqui e não ter tantas meninas é um negócio que me incomoda” (MANUELA, 2018).

As entrevistadas identificam que a representatividade da mulher negra no rap tem crescido nos últimos anos, que há muitas mulheres negras no mundo do rap que rimam e representam extremamente bem as mulheres em geral, porém explicitam que esse movimento ainda é dominado por homens que na maioria das vezes não oportunizam e incentivam as mulheres a participarem e batalharem: “[...] tem muita mina rimando [...] só que assim, os espaços que são dados, o que o mercado prefere consumir são produtos de homens, por uma questão machista, então a gente estimula mais a produção masculina do que a feminina” (CECÍLIA, 2018). Beatriz (2018) também reforça a predominância de homens no rap e como essa situação restringe a maior participação das mulheres negras:

Incrível, eu acho que a gente tá passando por uma revolução, tanto no rap como em tudo e eu acho que a gente tá muito bem, não a gente né, mas as mulheres, principalmente as mulheres negras tão muito bem representadas, muito mesmo assim, cada dia mais eu vejo conquistando um espaço no rap que é um movimento que foi desenvolvido por homens e pra conseguir desenvolver isso, conseguir conquistar um espaço num lugar que foi desenvolvido por homens é muito mais difícil e eu acho que agora a gente tá num momento no ápice assim, para as mulheres e principalmente para as mulheres negras (BEATRIZ, 2018).

Neste mesmo sentido, Patrícia (2018) que já foi organizadora de batalhas de rima, destaca que as mulheres têm adquirido mais espaço no rap, mas que constantemente são impedidas de passar sua mensagem devido ao machismo:

Vendo o que eu passo assim, o que eu passei quando eu era organizadora, a mulher tem um espaço, mas ao mesmo tempo tem um julgamento sabe, tipo assim, as meninas que batalhavam, mano, querendo ou não, os caras sempre vão votar no cara, não na mina entende. Mas tá passando uma ideia sabe, acho que é mais pelo feminismo sabe, a mulher quer ter o empoderamento dela, ela quer transmitir o que ela tem, a idealização dela e os caras meio que não aceita sabe e os caras sempre vão votar, mesmo que a mulher tem sido boa, vão votar sempre nos homens [...] o machismo ainda reina entre eles, por mais que o rap passe uma reflexão de igualdades [...] as minas querem mostrar que elas têm as ideias, elas querem passar uma visão, só que tipo assim, não é só pelos homens, é no geral sabe, o rap que não é tão aceitado na cidade (PATRÍCIA, 2018).

Deste modo, é fundamental que as mulheres negras frequentem mais as batalhas de rima e estabeleçam territórios. A partir disso, terão maiores possibilidades de se expressarem, denunciarem todas as dificuldades vivenciadas e ainda estimularem mais mulheres negras e não-negras a frequentarem as batalhas de rima. É como um ciclo em que a partir do momento em que mulheres se reconhecem na figura de outras, elas se sentem incentivadas a frequentar estes espaços, aumentando sua representatividade e força no movimento.

Ao identificar que a representatividade de mulheres negras nas batalhas de rima é extremamente baixa, torna-se fundamental entender como que se veem representadas por homens e mulheres em seus raps, uma vez que uma representação positiva contribui para maior participação no movimento. Deste modo, as entrevistadas foram questionadas a respeito de como percebem que os rappers e as rappers as retratam em suas músicas.

Todas as entrevistadas apontam que há uma diferença na forma como homens e mulheres discutem a mulher negra em seus raps, os primeiros geralmente passam uma mensagem cercada por determinados preconceitos e as segundas incentivam o empoderamento feminino, como por exemplo, Yasmin (2018) que diz: “*Nos homens há muito preconceito, muito machismo. Nas mulheres é feminismo completo, sério!*” (YASMIN, 2018). Essa diferença na abordagem das mulheres nos raps femininos e masculinos é analisada por Marques (2019).

Manuela (2018) e Claudia (2018) ressaltam que as rappers buscam sempre desconstruir o machismo, falar a respeito da discriminação racial e de gênero e defender seus direitos, além disso, indicam que há rappers homens que ainda fazem distinção entre as mulheres que se pode namorar e

as que não se pode, mas que atualmente muitos rappers tem respeito pelas mulheres em suas rimas, principalmente aqueles que possuem mãe ou namorada que passou por algum tipo de discriminação.

No cenário das batalhas de rima em Londrina, Patrícia (2018) assinala que por participar constantemente de várias batalhas, percebe que os homens em qualquer oportunidade encontrada vão insultar a mulher: “[...] *xingar a mãe de outro, xingar a prima de outro, falar que sei lá, fudeu a irmã de outro [...]* A mulher é muito usada como objeto sexual” (PATRÍCIA, 2018). Nas batalhas de rima, essa inferiorização acontece geralmente quando há dois homens batalhando e a fim de um se afirmar sobre o outro, passam a ofender a família, no caso quem sempre sofre com as ofensas são as mulheres. Neste contexto, Cecília (2018) aponta que nas batalhadas de rima os rappers reproduzem uma série de estereótipos, mas que isso é resultado do contexto social em que vivem:

[...] eu vi pouquíssimas vezes mulheres rimando. Os caras vão reproduzindo várias coisas, vai falar de mulher e aí fala de ato sexual que fez com a mulher do outro cara, a mãe do cara né, porque a mulher é sempre representada assim né, ou muita coisa homofóbica também sempre rola, mas eu também não to falando que eles falam porque eles são pessoas ruins, é porque é estrutura, a gente é educado pro machismo mesmo e tipo principalmente essa galera que né, se o rap é a voz da periferia, o que chega na periferia? Quais debates chegam? Não chegam né, então é difícil desconstruir, também é difícil levantar umas críticas pesadas, a gente tem que entender o contexto histórico, de que estamos falando, quem são essas pessoas que estão rimando e tal. [...] Quando as minas rimam fica evidente também que é uma outra pegada, sempre vem mais com esse grito de resistência mesmo, porque é empoderador, tem que ter muita coragem de ser mulher e viver, em ser mulher e se colocar em um status que é dominado por homem. Então só o fato de ser uma mulher, a energia parece que é outra, então as rimas sempre vêm denunciando a vida dela, as vivencias dela, porque é empírico né, se você sofre e vive isso, você vai falar sobre o que você vive. Aí é isso, os caras esculacham as minas e elas dão um grito de resistência (CECÍLIA, 2018).

Com base no depoimento de Cecília (2018), torna-se evidente que as batalhas de rima são territórios em que o machismo e os ideais patriarcais têm um terreno fértil para sua manifestação. Apesar desses homens ainda serem “legais” com as mulheres, amigos e muitas vezes namorados, ainda assim, no contexto das batalhas e também da vida, são reprodutores de um regime de exclusão e opressão. As mulheres por sua vez, nos momentos em que batalham, expõem rimas muito voltadas para as questões relacionadas a falta de outras mulheres naqueles espaços e para a necessidade de resistência. Essas discussões concernentes à representatividade nas batalhas apontam para as relações de poder presentes nos territórios, em que é necessário disputar e negociar a presença para que se tenha oportunidade de se expressar.

Cecília (2018) ainda destaca a importância dos homens se organizarem, uma vez que muitos têm acesso a informação e são pessoas conhecidas na cidade, tendo voz para propor novas ideias e debates que não reforçam estereótipos e não sexualizam as mulheres. Porém, essas ações não são realizadas com frequência, isso ocorre apenas em alguns meses do ano – principalmente em março, devido ao Dia Internacional das Mulheres – em que são realizadas batalhas exclusivamente para

mulheres em Londrina. Apesar disso, esses eventos são organizados e promovidos por homens que ainda assim perpetuam a opressão e chegam até mesmo a controlar quais mulheres irão participar.

Portanto, o rap possui grande contribuição na luta das mulheres negras por equidade, uma vez que possibilita à essas mulheres expressarem sua voz e reivindicarem suas pautas. Neste sentido, é fundamental entender se as mulheres negras que frequentam as batalhas de rima reconhecem as potencialidades do rap e a utilizam. Quando questionadas a respeito das contribuições do rap, primeiramente muitas entrevistadas apontam a importância do rap para a sociedade em geral: “[...] eu acho que o rap é uma forma de protesto, uma forma de chamar a atenção da política para a sociedade, para mostrar o que a gente passa diariamente” (CLÁUDIA, 2018) e “[...] ele (o rap) veio da construção de como as pessoas da favela viviam e qual era a realidade deles, então eu vejo que ele é um movimento de fala [...] um âmbito de protesto” (ISABELA, 2018).

O rap é identificado como movimento de protesto, de voz aos grupos sociais vulneráveis e que possui muitas potencialidades para empoderar as mulheres negras, como Isabela (2018) e Beatriz (2018) apontam ao afirmar que o rap possibilita as mulheres negras discutirem suas pautas e incentivaram mais mulheres a participarem do movimento, “[...] se elas querem cantar rap e mandar a mensagem delas o que eu acho que é uma coisa maravilhosa, tem muitas mulheres se empoderando e discutindo desigualdade, machismo, N assuntos diferentes assim” (ISABELA, 2018) e “[...] se uma mina decide fazer uma rima falando de algum assédio que ela sofreu, eu acho que ela tá tendo o espaço dela pra falar: ó aconteceu comigo e pode ter acontecido com outra menina e ela falar: olha eu não to sozinha, ela é uma guerreira e eu também posso ser” (BEATRIZ, 2018).

Apesar de suas potencialidades para representatividade feminina, o rap e o Hip Hop ainda são dominados por homens, daí a importância de as mulheres participarem, criarem territórios e se afirmarem enquanto mulheres e negras. Além disso, por ter sua gênese na periferia, esse elemento pode ter muita efetividade na constituição de uma sociedade mais justa, como aponta Cecília (2018):

[...] é um espaço predominante masculino e quando mulheres se colocam nesse espaço sabe, quando mulheres lutam por visibilidade, a maior parte das minas que rimam estão denunciando a rima desses caras escrotos, sabe então quando você vê um grupo só de minas elas sempre tão falando dessas violências e eu acho que é uma forma de diálogo mais efetiva do que muitas vezes a gente tem na universidade por exemplo, porque essas mulheres que estão lá falando sobre feminismo, sobre o que é ser mulher, sobre o que é ser mulher negra, sobre o que é ser mulher e estar na cena do rap, elas tão falando pra uma população pobre, de onde eles vieram mesmo, da periferia e acesso a muita gente, tem muita gente que tem acesso porque curte, porque gosta de rap, porque o rap é a voz da periferia, então é cumprir esse papel que por exemplo a universidade com várias teorias não chega, muitos dos debates que do próprio movimento feminista não chega e essas minas tão lá, porque elas vivem lá e porque elas tem acesso a essas mulheres (CECÍLIA, 2018).

A partir das potencialidades do rap, como destacado pela entrevistada, a principal questão é se as mulheres negras entrevistadas estão estabelecendo territórios no rap e se reconhecem que a territorialidade está acontecendo por parte de outras mulheres negras também.

Quando questionadas se consideram que as mulheres negras têm criado territórios no rap, inicialmente algumas entrevistadas apresentaram dúvidas a respeito do que é território e foi necessário que a pesquisadora reformulasse a pergunta trocando a palavra “território” por “espaço”. Nota-se que por parte de algumas entrevistadas há uma dificuldade de associar território à materialização das mulheres nas batalhas de rima e afirmação de suas identidades, ainda há uma associação de território apenas a algo ruim, como apontado por uma das mulheres negra: “*Só lembro de guerra, sangue*” (YASMIN, 2018). A fala de Yasmin (2018) remete a dimensão política do território, ao início das formulações a respeito da categoria, em que como aponta Haesbaert (2007), o território nasce com uma dupla conotação – material e simbólica – e por etimologicamente aparecer muito próximo das expressões terra-*territorium* quanto *terreoterror* (terror, aterrorizar), tem a ver com a dominação – jurídico-política – da terra e com a inspiração do terror, do medo, especialmente para aquelas(es) que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “*territorium*” são impedidos de entrar. Ou seja, a entrevistada pensa em medo e a guerra ao falar de território, apontando para a dimensão geopolítica da categoria.

As entrevistadas reconhecem que elas e outras mulheres negras estão criando territórios no rap – apesar do movimento ser predominantemente composto por homens –, representando-as muito bem e enfrentando todo o preconceito e discriminação vivenciados cotidianamente, além disso, estão sendo inspiração para outras mulheres negras e não-negras a participarem das batalhas de rima. Porém, há um fator que impede algumas mulheres de adentrarem este território, como destaca Patrícia (2018), o medo é um obstáculo: “[...] *eu acho que falta mais força sabe, mais força de vontade, tipo assim, o medo de tentar, medo da rejeição, do comentário maldoso, eu acho que impera muito. Eu acho que elas têm muito medo nesta questão*” (PATRÍCIA, 2018). Esse medo está muito relacionado a predominância de homens nas batalhas, a dificuldade para conquista e ocupação do território, ao conteúdo machista de muitas rimas e a falta da presença de mais mulheres para somar na luta.

As mulheres negras estão criando territórios nas batalhas de rima e no rap e os debates constante a respeito de gênero e de raça nas esferas da sociedade contribuem muito para isso, a partir da maior representatividade em mídias e mercado de trabalho, por exemplo, as mulheres negras sentem a necessidade e segurança de criar cada vez mais territórios, sendo isso um processo que tem tendência a ser cada vez maior e mais efetivo: “[...] *várias eu vejo que representam o rap e que eu tiro o chapéu.[...] Mulher negra é forte, eu acho que elas tão firmando território e é só progresso, é as negras que só voa!*” (CRISTINA, 2018).

As entrevistadas apontam que esses territórios são conquistados a partir de muito esforço “[...] é você conquistar por merecimento, mostrar que você é capaz, que você tá ali e não tá com brincadeira [...] você quer representar elas, você quer que ela se sinta representada através de você e que possa vir junto também, quanto mais melhor” (MARISA, 2018). Esse esforço proveniente das mulheres negras tem que ser maior que o dos homens, uma vez que eles são maioria no movimento e tem maior liberdade¹ para rimar: “A gente sempre tem que tá a mais, tem que dar a mais pra conseguir conquista nosso espaço, porque infelizmente a gente tá em um movimento machista, infelizmente” (BEATRIZ, 2018).

As entrevistadas indicam a importância de as mulheres negras conquistarem territórios nas batalhas e rimarem para que inspirem mais pessoas: “[...] a partir do momento que uma mulher decide ir lá na frente, ela sendo negra ou fora de qualquer padrão de beleza, ela tá conquistando um território num espaço de várias pessoas” (BEATRIZ, 2018). A mulher negra precisa ter voz e partir da conquista de seu território nas batalhas de rima, ela pode reivindicar suas pautas:

[...] eu acho que elas estão entrando no que é delas, no que não foi concedido historicamente por N motivos que hoje a gente vê que não é por ai sabe, são construção completamente erradas, mas a gente também tá passando por revolução de construções e pensamentos em N sentidos na nossa sociedade, então eu acho que é só uma deixa pra mulher negra ir lá e falar: não pera eu não sou diferente de ninguém e eu mereço igual como todo mundo (ISABELA, 2018).

Assim, parte das entrevistadas reconhecem que as batalhas de rima são um espaço também das mulheres e que historicamente lhes foi negado, sendo preciso que ocupem esse espaço, estabeleçam territórios e lutem por visibilidade:

Eu acho que território é disputa de espaço e conseguir estabelecer território está ligado a criar raízes. E eu acredito que sim, a mulher tem conseguido, aposto e acredito que precisa conquistar cada vez mais porque nada nunca nos é dado, é sempre tudo conquistado. Então acredito que nessa perspectiva que eu falei de território, quando a gente está falando de mulheres no rap a gente tá falando de conquistar cada vez mais territórios, território que já é nosso, das minas, porque nós sempre estivemos ali. Mas entre ter um território e ter visibilidade no território ainda vai um processo, o importante é que existe e que estamos caminhando (CECÍLIA, 2018).

A partir da análise das entrevistas concedidas pelas mulheres negras, o rap se evidencia como um elemento com grande potencial na luta das mulheres negras por equidade e que precisa ser mais explorado. O cenário das batalhas de rima ainda é dominado por homens, há poucas mulheres frequentando esses eventos e principalmente poucas mulheres negras.

Em todas as batalhas de rima frequentadas, não foi visto em nenhum dos dias, uma mulher batalhando. O público das batalhas se repete muito e os rappers frequentam quase todas, geralmente

¹ Essa liberdade, porém, não é total. No cenário das batalhas é possível observar que homens que fogem do padrão estabelecido são constantemente oprimidos, no caso, homens com sobrepeso. Geralmente nas batalhas que estes homens participam, seu peso é utilizado como arma para o adversário diminuí-lo e vencer o duelo.

se vê sempre os mesmos rimando. No início das batalhas existem as inscrições e as mulheres negras não são incentivadas a participarem dos duelos, as(os) organizadoras(es) sempre convidam apenas os MCs e nunca as MCs. Os momentos que as mulheres têm espaço para exporem suas rimas são em batalhas que acontecem apenas para as mulheres, porém, esses eventos ocorrem raramente – como o evento “As mina na rima” – e são vistos como uma fuga da rotina das batalhas semanais.

Por meio das observações e entrevistas, é visível que as mulheres negras estão criando território no rap e nas batalhas de rima, mas, esse processo ainda é lento em função de fatores já apontados: o medo da rejeição, a falta de incentivo, a falta de espaço concedido pelos rappers e a falta de maior representatividade neste cenário, da maior presença das companheiras. Assim, a figura das(os) organizadoras(es) é fundamental, são elas(es) que estruturam as batalhas e é necessário que incentivem a maior participação das mulheres.

Portanto, apesar dos territórios criados pelas mulheres negras ainda serem escassos, são extremamente importantes para sua visibilidade e para que mais mulheres se inspirem nas rappers e participem do movimento, não apenas assistindo as batalhas, mas, também rimando, denunciando as desigualdades de gênero e de raça vivenciadas e lutando pela equidade social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Hip Hop, especificamente na pesquisa o rap, se evidencia como um movimento com grande potencial para a instituição de territórios pelas mulheres negras, para que possam se expressar e expor suas pautas e demandas. O rap se manifesta no espaço geográfico, por exemplo, por meio das batalhas de rima e as mulheres negras podem utilizar estes eventos a seu favor, estabelecendo territórios, afirmando suas identidades, rimando, representando outras mulheres e expondo suas críticas.

A partir da criação de territórios nos mais diversos âmbitos da sociedade, as mulheres negras se materializam no espaço geográfico e mostram que também possuem direito a ocupação do território – revelando a dimensão funcional deste – e a terem voz e lugar de fala – estabelecendo um território simbólico. Com o estabelecimento de territórios, elas inspiram outras mulheres e as incentivam a participarem da luta pela equidade, empoderando-se individualmente e coletivamente.

Foi possível verificar que as batalhas de rima ainda são compostas predominantemente por homens e que os conteúdos de diversas rimas reforçam os discursos machistas e que objetificam a mulher.

Em relação à problemática “As mulheres negras estão criando territórios no rap por meio das batalhas de rima?”, em conformidade com os resultados apresentados nesta pesquisa torna-se evidente que as mulheres negras estão criando territórios nas batalhas de rima, mas que esses territórios ainda são escassos. Os homens são agentes hegemônicos nas batalhas de rima, que possuem

maior controle territorial, limitando a atuação das mulheres. Neste cenário, o estabelecimento de territórios pelas mulheres negras é fundamental para afirmação de sua identidade e a inspiração para que outras mulheres participem. O rap é um elemento com grandes contribuições nas reivindicações femininas e precisa ser explorado em todo seu potencial, a participação de mulheres negras em batalhas tem aumentado cada vez e assim elas vão adquirindo mais força, união e maior representatividade nos eventos.

Por meio das falas das entrevistadas é possível apontar diferentes dimensões do Território que se fazem presentes, como a dimensão geopolítica ao ser referenciado enquanto guerra e sangue, às dimensões de negociação e relações de poder ao passo em que as mulheres tem que disputar aquele território para que possam expor suas pautas de reivindicação e à dimensão dialógica em que essas mulheres negras se sentem mais à vontade para frequentar os eventos à medida que mais mulheres estão presentes.

Os trabalhos de campo realizados nas batalhas proporcionaram a percepção das realidades das(os) frequentadoras(es) das batalhas de rima. O público predominantemente jovem, vive em sua maioria, nas periferias e identifica no rap e nas batalhas de rima uma forma de expressar sua arte, expressar as injustiças vivenciadas, conhecer novas pessoas, encontrar com os amigos e interagir com pessoas que possuem os mesmos interesses, no caso, o rap e o Hip Hop em geral. As(os) frequentadoras(es) das batalhas se repetem muito de uma para a outra e todas(os) se conhecem.

Dentre os pontos positivos das batalhas está a importância deste território para as(os) frequentadoras(es), ao longo dos dias da semana elas(es) se territorializam em diferentes pontos da cidade, modificam as dinâmicas do local, mostram que existem e se expressam por meio das rimas. As batalhas proporcionam às(aos) jovens encontrarem pessoas que partilham de seus interesses, trocarem conhecimentos e experiências e se expressarem, uma vez que muitas(os) vivenciam realidades difíceis e marcadas pela falta de voz, assim os eventos as(os) possibilitam a voz, o espaço e o lugar de fala.

Porém, um ponto negativo são as próprias rimas feitas ao longo das batalhas, há rimas que possuem em seu conteúdo uma crítica social, porém como se tratam de duelos em que o importante é vencer o oponente, muitas rimas são apenas ofendendo o adversário, utilizando de suas características físicas para diminuí-lo ou então utilizando a figura da mulher como ofensa ao oponente, neste contexto, mães, primas, irmãs e namoradas são constantemente citadas, ofendidas e estereotipadas.

Portando, espera-se que a presente pesquisa fomente debates relacionados à questão racial e de gênero, aumente os trabalhos geográficos que investiguem as temáticas e proporcione maior visibilidade para as batalhas de rima e, principalmente, para as mulheres negras.

REFERÊNCIAS

- BEATRIZ (2018). **Batalha de rima – Antares**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- CAMILA (2018). **Batalha de rima – Zerão**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.
- CECÍLIA (2018). **Batalha de rima – Zerão**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- CLÁUDIA (2018). **Batalha de rima – Cinco**. Entrevista concedida no mês de setembro de 2018.
- CRISTINA (2018). **Batalha de rima – Galo**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.
- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.
- ISABELA (2018). **Batalha de rima – Hemp**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- JÚLIA (2018). **Batalha de rima – Zerão**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- MANUELA (2018). **Batalha de rima – Antares**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- MARISA (2018). **Batalha de rima – Antares**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- MARQUES, A. C. S. **Mulheres negras nas batalhas de rima de Londrina – PR: um estudo geográfico**. 2019. 84 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.
- MONK, J.; HANSON, S. Não excluam metade da humanidade da geografia humana. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Orgs.). **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016, p. 31-54.
- PATRÍCIA (2018). **Batalha de rima – Galo**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.
- RAFFESTIN, C. **Por um Geografia do poder**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1993. 269p.
- SAQUET, M. A. Território e identidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. 10., 2005. São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2005. p. 13869-13881.
- SILVA, J. M. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: _____ (Org.). **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. p. 25-54.
- TURRA NETO, N. Espaço e lugar no debate sobre território. **Geograficidade**, Niterói, v. 5, n. 1, p. 52-59, 2015.
- YASMIN (2018). **Batalha de rima – Café**. Entrevista concedida no mês de agosto de 2018.

Trabalho enviado em 23/01/2020
Trabalho aceito em 04/04/20